

Os desafios das mulheres nas redações jornalísticas do Oeste Paulista¹

Bárbara Munhoz VILLAR²

Izabelly Cristina Fernandes de OLIVEIRA³

Melissa Andrade SILVA⁴

Fabiana Aline ALVES⁵

Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, SP

RESUMO

Este trabalho é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso da graduação de Jornalismo e visou identificar as desigualdades de gênero e os principais desafios vivenciados por mulheres jornalistas nas redações do Oeste Paulista. De acordo com os dados coletados na pesquisa Mulheres no Jornalismo Brasileiro, da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) e Gênero e Número, 86,4% das entrevistadas afirmaram já ter passado por alguma situação de discriminação proveniente de gênero. Diante do cenário apresentado, surgiu a necessidade de identificar se esses e outros desafios enfrentados por mulheres nas redações dos principais centros urbanos também eram constatados nas redações do Oeste Paulista, problemática verificada por meio da aplicação de questionários aos veículos de comunicação e às jornalistas da região, bem como com realização de entrevistas. O método adotado na produção do trabalho foi o estudo de caso. Em relação às técnicas de coleta de dados, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a observação direta extensiva. Seguindo as premissas desta última técnica, foram produzidos dois questionários na plataforma Google Forms, sendo um composto por dez questões objetivas e direcionado para os veículos de comunicação (emissoras de TV e rádio, jornais impressos, revistas e sites de notícias) das 56 cidades do Oeste Paulista, considerando as quais possuíam mais de 15 mil habitantes, de acordo com o último censo demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e o outro voltado para as jornalistas em atuação nas redações

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 26 a 28 de maio de 2022.

² Bacharela em Comunicação Social - Jornalismo pela UNOESTE, email: bamunhozvillar@gmail.com.

³ Bacharela em Comunicação Social - Jornalismo pela UNOESTE, email: isinha.cfoliveira@gmail.com.

⁴ Bacharela em Comunicação Social - Jornalismo pela UNOESTE, email: melissandd@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora doutora do curso de Jornalismo da UNOESTE, e-mail: falves@unoeste.br.

inseridas no recorte regional, composto por dez questões objetivas e uma dissertativa. A execução desta pesquisa ainda foi pautada pelas reflexões e bibliografias de importantes estudiosos sobre a temática. Glinka (2020), por exemplo, esclarece que a entrada da mulher no mercado de trabalho só foi possível após a Revolução Industrial no século XVIII e que, antes disso, por conta dos ideais iluministas, a figura feminina era vista como incapaz de realizar as atividades mercantis com o mesmo vigor em relação aos homens. Autores como Andrade e Assis (2018) comentam que o estabelecimento de uma divisão sexual do trabalho, justificado por fatores biológicos, hierarquizou-se com as mulheres ligadas a atividades reprodutivas e os homens, à produção. Outro ponto importante salientado por Glinka é que a saída da mulher para o mercado de trabalho, ao invés de promover sua emancipação, a oprimiu e explorou por conta do estabelecimento da dupla jornada de trabalho e escassez de garantias trabalhistas. O Brasil só teve a primeira mulher repórter na década de 1930. A situação só passou a mudar com o surgimento das graduações em Jornalismo no Brasil, regulamentadas após 1947 e posteriormente impulsionadas pelo Decreto-Lei nº 972, de 1969, que também serviram para regulamentar a profissão de jornalista e a exigência do curso superior para exercer a profissão. É importante destacar que, não só no jornalismo, como em outras carreiras, ainda é possível elencar obstáculos enfrentados por mulheres nos ambientes laborais. Um deles é o assédio, que pode ser subdividido como moral, sexual, verbal, psicológico e virtual, sendo considerado como forma de abuso hierárquico e de dominação. Além disso, também há a conciliação da densa rotina de trabalho com a vida particular, a diferenciação salarial entre os gêneros e cobranças estéticas no ambiente do jornalismo televisivo. Diante das reflexões apresentadas e a fim de estabelecer discussões fundamentadas a respeito da temática, fez-se necessário elencar alguns pontos característicos deste cenário no Oeste Paulista. Atualmente, a região possui apenas uma graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, a Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), localizada na cidade de Presidente Prudente. Dados disponibilizados pela coordenação do curso revelaram que, de 1998 a 2020, 64% dos novos profissionais eram mulheres. No questionário aplicado a 45 veículos de comunicação da região, dos 39 com presença feminina nas redações, 55,5% tinham de uma a cinco mulheres e 31,1% não possuíam nenhuma. Nos outros seis veículos jornalísticos, 4,4% revelaram ter uma redação composta por entre 6 e 10 pessoas e

informaram empregar de uma a cinco mulheres no jornalismo. Entre as equipes compostas por 11 a 20 pessoas, 4,4% assinalaram ter de seis a dez mulheres entre os jornalistas. Por fim, apenas 2,2% dos veículos afirmaram ter uma redação com mais de 30 pessoas, sendo que de 11 a 20 são mulheres. Sobre cargos de chefia dentro do departamento jornalístico, 60% deles apontaram ter de uma a cinco mulheres como chefes na redação e 40% afirmam não ter presença feminina na chefia da empresa. No questionário direcionado às jornalistas do Oeste Paulista, com 41 participações, foi indagado se o fato de ser mulher já as prejudicou em alguma situação dentro da empresa e 24,4% apontaram ter sido afetadas na distribuição de tarefas no ambiente de trabalho. O mesmo percentual também foi assinalado em relação às dificuldades na conquista de oportunidades de trabalho. Das 41 jornalistas participantes, 17% consideraram que o fato de ser mulher também foi prejudicial na obtenção de aumento salarial; mesmo índice referente à dificuldade na obtenção de promoção de emprego. 14,6% delas afirmaram se sentir prejudicadas na determinação de escalas de horário. E, por fim, 34,1% informaram que não se sentiram lesadas em nenhuma das alternativas. Levando em consideração a inserção das mulheres jornalistas nas redações, foi importante saber sobre sua colocação no mercado de trabalho regional. Acerca do tempo de atuação no jornalismo, 22% das mulheres revelaram ter de 15 a 25 anos de profissão. 9,8% declararam atuar há cinco anos ou menos como jornalista e o mesmo se refere a quem declarou estar na profissão há mais de 25 anos. A pesquisa ainda conseguiu revelar características sobre o ambiente de trabalho das jornalistas e aspectos de suas vivências profissionais sendo mulheres. Quando questionadas sobre já terem vivenciado ou presenciado uma colega de trabalho passar por algum tipo de constrangimento enquanto jornalista apenas pelo fato de ser mulher, 68,3% responderam positivamente e 31,7%, negativamente. Já quando a pergunta era se alguma vez seu trabalho foi questionado pelo fato de ser mulher, 53,7% das respostas foram positivas e 46,3% negativas. Em relação aos desafios enfrentados pelas jornalistas ao longo da carreira no Oeste Paulista, assédio moral e psicológico foram as situações mais ocorridas na região, com um percentual de 43,9% para ambos. O abuso de poder por parte de chefes ou colegas de trabalho foi o segundo desafio mais enfrentado, com 41,5%. Em terceiro lugar, 39% das mulheres afirmaram já ter tido a competência questionada na redação. O assédio verbal também foi uma das situações mais vividas, contabilizando 34,1% do resultado da

pesquisa. Também foi possível identificar os índices em relação ao alcance de melhores oportunidades dentro da empresa. Nessa pergunta, as entrevistadas também puderam escolher mais de uma situação. Como resultado, 26,8% das jornalistas afirmaram já ter enfrentado desigualdade salarial; 19,5% apontaram passar por ocasiões de desigualdade na distribuição de tarefas, além de 17,1% revelarem desigualdade também no desenvolvimento profissional. Algumas jornalistas ainda declararam que o constrangimento era algo vivido em alguns veículos da região. 26,8% afirmaram ter passado por situações de intimidação verbal, escrita ou física, além de 17,1% garantirem ter vivenciado humilhações em público e 9,8% terem sido assediadas virtualmente por meio de ofensas em redes sociais. As situações de discriminação de gênero, preconceito de identidade de gênero, preconceito relacionado à orientação sexual, racismo e tentativa de danos à reputação obtiveram, individualmente, um percentual de 2,4% das respostas. Já aquelas que nunca passaram por nenhuma das situações descritas, somaram um índice de 12,2%. Sobre maternidade, 12,2% das jornalistas pesquisadas consideraram ter sofrido ameaça ao trabalho nesse caso. A respeito do vestuário dentro da empresa, os dados revelaram as redações como um ambiente desconfortável para com a imagem física delas. Em resposta, 65,9% declararam ter ouvido algum comentário ou elogio sobre roupas, corpo e aparência que as deixou desconfortáveis no ambiente de trabalho, já 34,1% destacaram nunca ter passado por isso. Também foi observado que o fato não acontece somente dentro das redações, mas também durante entrevistas ou em contato com fontes. Questionadas se, durante o exercício da profissão, já ouviram comentários por serem mulheres que as deixou desconfortáveis ou propostas inadequadas por parte de alguma fonte, 58,5% responderam que sim, enquanto 41,5% apontaram que não. Já quando o assunto foi obtenção de informações privilegiadas, os chamados “furos de reportagem”, as jornalistas foram indagadas se já tiveram a vida sexual questionada nessas situações e, diante disso, 78% assinalaram que não, enquanto 22% afirmaram que sim. Diante da apresentação desse cenário, foi possível obter uma visão das redações da região, o que serviu de complemento para a produção do livro-reportagem de perfil em formato de *e-book* “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo”, o qual, após a etapa de levantamento de dados, tratou sobre o tema mencionado de forma mais fidedigna à realidade regional.



PALAVRAS-CHAVE: mulheres no jornalismo; gênero; jornalismo regional; Oeste Paulista.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cristiane Batista; ASSIS, Simone Gonçalves. Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/4jH9bBbXyBr49hXPqTJMjTs/?lang=pt#ModalDownloads>. Acesso em: 17 out. 2020.

GLINKA, Fernanda Ramos. **A mulher no jornalismo esportivo: os desafios das jornalistas em Curitiba**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/58890>. Acesso em: 7 out. 2020.

MAZOTTE, N; TOSTE, V. (coord.). **Mulheres no jornalismo brasileiro**. [São Paulo]: Gênero e Número; ABRAJI, [2018]. Disponível em: https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf. Acesso em: 2 out. 2020.